

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE



1290003157



TCC/UNICAMP S175f

CARLA SIQUEIRA

**FORMAÇÃO INTELECTUAL E FORMAÇÃO POLÍTICA NO
CURSO DE FORMAÇÃO DOCENTE: EXISTE UMA PARCERIA?**

Campinas

2006

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

0125097007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

CARLA SIQUEIRA

**FORMAÇÃO INTELECTUAL E FORMAÇÃO POLÍTICA NO
CURSO DE FORMAÇÃO DOCENTE: EXISTE UMA PARCERIA?**

Monografia apresentada como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Vera Lúcia Sabongi De Rossi.

Campinas

2006

| | |
|-------------|--------------|
| UNIDADE: | F.E |
| Nº CHAMADA: | TCC/UB/CPM/3 |
| | SI 75f |
| V: | |
| EX: | |
| TOMBO: | 3157 |
| PROC.: | 145107 |
| C: | |
| D: | X |
| PREÇO: | |
| DATA: | 27/03/07 |
| Nº CPD: | 405716 |

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Siqueira, Carla.
SI75f Formação intelectual e formação política no curso de formação docente :
existe uma parceria? / Carla Siqueira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Vera Lúcia Sabongi De Rossi.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. 2. História
oral. 3. Formação política. 4. Educação intelectual. I. De Rossi, Vera Lúcia
Sabongi. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.

06-764-BFE

*A todos que de alguma forma
estiveram ao meu lado durante esta
caminhada...*

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, que escreveu minha história, me possibilitando estar aqui, terminando mais uma etapa da minha vida.

Aos meus pais, Rita e Ricardo, por terem me dado a vida e terem me educado visando essa vitória.

À minha querida irmã Clara, que está sempre comigo e que é a pessoa mais importante da minha vida, que incondicionalmente me apóia em tudo.

À Professora Ângela Maria de Souza Martins da UNIRIO, pelo incentivo a vir fazer a graduação na UNICAMP.

À professora Vera Lucia Sabongi De Rossi, por ter me acolhido e orientado este trabalho, por ter me ensinado a pesquisar e por despertar em mim o gosto pela pesquisa.

Aos professores “Gama” e “Ômega”, por terem sido professores tão marcantes de minha graduação e por compartilharem comigo suas histórias de vida, possibilitando a concretização deste trabalho.

À minha madrinha Telma, pelo acolhimento em sua sala de aula durante o estágio e por todo ensinamento que me deu.

Às amigas Paloma e Letícia, por me acompanharem desde o primeiro dia de aula e por compartilharem comigo mais essa conquista.

À Natália, pelo acolhimento na minha mudança de turma e pela amizade e cumplicidade de sempre.

Às amigas Andréa, Clarissa e Karina pela convivência, pelo apoio nos piores momentos e por cada ensinamento que cada uma delas me deu.

Aos amigos do “Fundão” pelo apoio e pela paciência no fretado a caminho da UNICAMP.

À minha avó Rosa por toda ajuda e carinho.

Ao amigo Joemil, por todo apoio não só nestes 4 anos de curso, mas por todo o tempo em que estivemos juntos.

E a todos os funcionários da FE/UNICAMP por estes 4 anos de convivência.

Resumo

Palavras chave: *Historia Oral, Formação Política, Formação Intelectual, Formação Docente, Faculdade de Educação/UNICAMP.*

O presente trabalho de pesquisa tem como objeto de estudo investigar a importância da formação política e acadêmica de dois dos meus professores do Curso de Pedagogia da FE/UNICAMP, que influenciaram profundamente na minha formação enquanto futura pedagoga. Para isto, levanto as seguintes questões: Quais foram os professores mais marcantes na minha formação? Por que estes professores foram marcantes? Como estes professores explicitaram em aula a formação política que tiveram?

A partir disso, os principais objetivos deste trabalho são: (i) compreender como se deu a formação política destes professores, (ii) compreender como se deu a formação intelectual/acadêmica destes professores e (iii) qual a importância que estes professores dão à formação intelectual/acadêmica em conjunto com a formação política no curso de pedagogia.

O procedimento metodológico utilizado, a fim de refletir e tentar atender os objetivos propostos foi a história oral como fonte documental principal, assegurando o diálogo da evidência com a literatura produzida sobre o tema.

O critério principal de escolha destes professores foi o fato de terem se colocado politicamente durante as aulas, ao mesmo tempo em que se mostraram bem embasados no conteúdo que estavam ensinando, sem excluir a possibilidade de outros professores terem posicionamento semelhante ao dos professores entrevistados.

Tal pesquisa possibilitou visualizar o processo de construção da trajetória dos professores, através de depoimentos de histórias vividas e de narrativas estimuladas, em suas múltiplas dimensões consensuais e conflituosas, que influenciaram positivamente o curso de graduação para formação de pedagogos da UNICAMP.

É pau, é pedra

É o fim do caminho

É um resto de toco

É um pouco sozinho...

(Águas de Março – Tom Jobim)

Sumário

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 01 |
| CAPÍTULO I: | |
| MEMÓRIAS: QUEM ERAM E ONDE ESTAVAM MEUS ATUAIS PROFESSORES ANTES DA FE/UNICAMP?..... | 06 |
| CAPÍTULO II: | |
| A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO INTELECTUAL E POLÍTICA..... | 25 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 40 |
| REFERÊNCIAS..... | 42 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 44 |
| ANEXOS..... | 45 |

INTRODUÇÃO

Como aluna do 4º ano de Pedagogia da FE/UNICAMP, percebo que alguns de meus professores, de certa forma, valorizam a formação política no decorrer do curso e justamente estes professores foram aqueles que mais me marcaram academicamente.

Ao falar da formação política de meus professores da FE/UNICAMP automaticamente recorro ao período militar, pois muitos deles estavam na graduação neste período e tiveram sua formação política neste contexto. No entanto, quero compreender qual a atuação dos meus professores durante este período.

Através de conversas informais com alguns dos professores que viveram esse período, pude perceber que cada um deles viveu isso tudo de diferentes formas, alguns viveram intensamente os chamados "anos rebeldes", outros apenas assistiram a tudo o que estava acontecendo com seus pares, sem se envolverem diretamente e outros ainda nem desconfiaram, outros tantos nem sei.

Tanto os professores que viveram a repressão, quanto aqueles que apenas assistiram a tudo aquilo, demonstram um certo interesse em contar o que viveram e/ou assistiram. Ao mesmo tempo

em que ambos se assemelham nesta necessidade, aqueles que atuaram diretamente naquele momento parecem-me ter um posicionamento acadêmico diferente daqueles que apenas assistiram as barbaridades que ocorriam.

De acordo com ARNS (2003), o Regime Militar foi um período degradante na história do nosso país, mesmo para aqueles que não viveram a repressão diretamente. Sendo assim, acredito que estudá-lo, na relação com as formas de atuação de alguns dos meus professores, é fundamental para a compreensão das posições teórico-metodológicas adotadas por eles durante a minha formação de pedagoga; como as experiências vividas por eles estão presentes hoje na atuação desses meus professores e o que eles fazem daquilo que viveram: como se posicionam frente a questões sociais e políticas, o campo teórico de formação, didáticos, etc.

Quando uso o termo formação não estou apenas referindo-me a essa formação política que discorri até agora, mas também à formação acadêmica que tiveram, bons professores, qualidade da aula, referenciais teóricos e aulas com metodologias adequadas.

Partindo das minhas vivências na Universidade, sendo aluna destes professores, conhecendo e tomando contato com sua docência, construí algumas hipóteses sobre a atuação deles durante o Regime Militar e como eles se constituíram como docentes a partir de suas vivências. Dentre as conversas informais que tive com esses professores minha suspeita é de que aqueles que demonstraram ter uma participação mais ativa, durante o Regime Militar, consideram a formação política tão importante quanto a formação intelectual uma vez que deixam isso bem claro em suas aulas, e inclusive, incentivaram a participação dos alunos nas discussões políticas que ocorrem na Universidade.

A partir disso, o presente trabalho de pesquisa tem como objetivo investigar a importância da formação política e acadêmica de dois¹ dos meus professores do Curso de Pedagogia da FE/UNICAMP, que influenciaram profundamente na minha formação enquanto futura pedagoga. Para isto, levanto as seguintes questões: Quais foram os professores mais marcantes na minha formação? Por que estes professores foram marcantes? Como estes professores explicitaram em aula a formação política que tiveram?

A partir disso, os principais objetivos deste trabalho são:

1. Compreender como se deu a formação política destes professores
2. Compreender como se deu a formação intelectual/acadêmica destes professores.
3. Qual a importância que estes professores dão à formação intelectual/acadêmica em conjunto com a formação política no curso de pedagogia.

A pesquisa desenvolvida, a fim de refletir e tentar atender os objetivos propostos é a pesquisa qualitativa através da história oral e do resgate de memória. De acordo com DELGADO (2006), a história oral é “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: fatuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.” (grifos do autor) Além disso, LE GOFF (1990) diz que “(...) o estudo da memória social é um dos modos fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em

¹ Entrevistei dois de meus professores embora outros tenham características semelhantes. Ambos assinaram termo de esclarecimento individual autorizando o uso das entrevistas neste texto e a opção foi de anonimato.

transbordamento”. Sendo assim, foram entrevistados dois dos meus professores da graduação da FE/UNICAMP, para uma reconstrução de memória do que foi vivido.

O critério principal de escolha destes professores foi o fato de terem se colocado politicamente durante as aulas, ao mesmo tempo em que se mostraram bem embasados no conteúdo que estavam ensinando, sem excluir a possibilidade de outros professores terem posicionamento semelhante ao dos professores entrevistados.

Segundo BLOCH (s/d) “as fontes narrativas (...), isto é, os relatos deliberadamente destinados à informação dos leitores continuam a ser preciosíssimos ao investigador. (...) Não é que documentos deste gênero estejam mais isentos de erro ou de mentira do que outros.” (p. 58)

Para isso foi elaborado um roteiro de questões que de acordo com BLOCH (s/d) “é uma das principais necessidades para uma investigação histórica bem conduzida.” (p. 60)

Após serem efetuadas as entrevistas, elas foram analisadas levando-se em consideração a formação intelectual de cada um e como, a partir de suas vivências eles se constituíram como intelectuais políticos; e dentro deste contexto, a importância que cada um destes professores dá ao fato de combinar a formação intelectual à formação política dentro do curso de pedagogia, visto que os principais autores² que fundamentaram esta pesquisa tratam os professores como intelectuais.

De acordo com BLOCH (s/d) “é quase infinita a diversidade dos testemunhos históricos. Tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito.” (p. 61) “Seria grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, especializado nessa função.” (p. 62)

² Gramsci (1989) e Giroux (1997)

Além das entrevistas foram analisados também textos indicados por estes professores que foram importantes para a sua formação política, além de textos escritos por eles onde aparecem com clareza a influência da formação política que tiveram.

O texto deste trabalho está estruturado em dois capítulos: no primeiro capítulo abordarei o Curso de Pedagogia da FE/UNICAMP, tanto do ponto de vista das minhas impressões quanto das impressões dos professores entrevistados, ou seja, como eu vejo o curso e como esses professores também o vêem. Além disso, como se deu: (i) a formação dos meus professores, fazendo uma reflexão entre a formação intelectual e a formação política, pois em ambos os casos elas se deram assim; (ii) a docência, como eles construíram seu referencial teórico-metodológico.

No capítulo II, abordarei a importância da formação intelectual e da formação política utilizando alguns autores como base para tal discussão.

Nas considerações finais, retomo o desafio do tema desta pesquisa e apresento algumas opiniões de “Gama” e “Ômega” acerca do atrelamento da formação intelectual e política.

Capítulo I:

MEMÓRIAS: QUEM ERAM E ONDE ESTAVAM MEUS ATUAIS PROFESSORES ANTES DA FE/UNICAMP?

Para discorrer sobre a atuação dos meus professores durante a minha graduação, faz-se necessário contextualizar o curso de Pedagogia da FE/UNICAMP. A própria FE, coloca em seu portal institucional que a atuação do pedagogo formado pela instituição poderá ser:

“O Pedagogo poderá atuar tanto no Magistério como na Administração, Supervisão, Assessoria Pedagógica e Educacional em instituições escolares dos diferentes graus de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio), na Formação e Treinamento de Recursos Humanos em instituições não-escolares (como sindicatos, empresas, etc.), ou ainda em clínicas especializadas em Educação Especial. O estudante sairá licenciado em Pedagogia, com possibilidades de atuação docente nas séries iniciais do ensino fundamental e educação infantil; estudará e pesquisará o trabalho pedagógico nestes níveis de ensino e poderá trabalhar como pedagogo na direção e coordenação do planejamento, execução e avaliação de sistemas escolares e das

unidades que os compõem. Seu campo de atuação amplia-se ainda para as instituições não-escolares e não-formais e ainda para classes/instituições que recebem alunos especiais.”

Para esta formação, conta com uma grade curricular³ com 190 créditos, totalizando 2850 horas divididos em: 148 créditos em 39 disciplinas obrigatórias, totalizando 2200 horas; 22 créditos em disciplinas optativas, totalizando 330 horas e 20 créditos de prática de ensino/estágio, totalizando 300 horas.

Porém uma das principais críticas é que o tempo para tudo isso é muito curto, “Gama” destaca como limitante do curso:

“É claro que tem limitações e mais no interior do currículo, quinze encontros que não são quinze, que se resumem a treze ou doze para você trabalhar fundamentos do ensino de... que é aquilo com que realmente o aluno se ele for ser professor, vai trabalhar, e mesmo se for ser orientador pedagógico. E a formação básica dos alunos ela é precária nesse sentido do conteúdo específico. Ai cada um puxa a brasa para o seu lado, eu digo que teria que ampliar mais a carga horária dos fundamentos pelo menos por dois semestres; a experiência do PEFOPEX⁴ me mostrou que isso, que realmente é possível..”

Como aluna, percebo claramente essa questão levantada por “Gama”: muitas vezes senti falta de um aprofundamento maior nas disciplinas de Fundamentos. Além disso, senti a necessidade de que algumas disciplinas se apresentassem antes na grade curricular, um exemplo disso é a disciplina Metodologia da Pesquisa I, que é uma disciplina onde começamos o projeto

³ Em anexo está a Grade Curricular vigente durante o período em que cursei Pedagogia (2003-2006) e que permanece até hoje

⁴ Programa Especial de Formação de Professores em Exercício – Pedagogia
O curso (PEFOPEX) atende a professores em efetivo exercício das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental e da Educação Infantil e tem duração de oito semestres. O curso será de licenciatura plena, desenvolvido no período noturno, com aulas presenciais diárias, seguindo o calendário normal dos cursos de graduação da UNICAMP.

de escrita do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), pois cursamos Metodologia da Pesquisa II concomitantemente à elaboração do TCC, sem o projeto inteiramente pronto; porém, da maneira que se configura a grade curricular é impossível antecipar essas duas disciplinas.

Outros problemas que vivi durante o curso foram as disciplinas de estágio e os núcleos temáticos. Das disciplinas de estágio, o principal limitante foi Estágio Supervisionado II, dada apenas no último semestre do curso.

O principal problema aí é que além desta disciplina ter uma carga horária extensa, ela é oferecida concomitantemente ao TCC II, que é a escrita e finalização do Trabalho de Conclusão de Curso, que é algo que também demanda um tempo extenso.

Ao mesmo tempo tem as disciplinas de núcleo temático que segundo o portal institucional da FE:

“Um dos princípios norteadores da proposta curricular para o curso de Pedagogia é garantir a possibilidade de trabalho interdisciplinar, buscando a articulação entre os docentes e entre diferentes grupos de pesquisa. Com isto, abrem-se condições para que os estudantes possam construir caminhos particulares de aprofundamento e ampliação de conhecimentos sobre diferentes temas educacionais. O tempo de duração do curso é 4 anos, e há” espaços “para disciplinas eletivas organizadas por núcleos temáticos - flexíveis, isto é, podem ser organizados para determinado espaço de tempo e para determinadas turmas - que podem tratar tanto dos conhecimentos específicos das extintas” habilitações “- Administração, Supervisão, Educação Especial, pré-escola e ainda o magistério das séries iniciais - quanto de novas temáticas de interesse dos estudantes e dos docentes. Nesse campo inserem-se temas como novas linguagens e Educação; informática e Educação; novas tecnologias; Sociologia do trabalho; trabalho, novas tecnologias e Educação; Educação Infantil; Educação de

jovens e adultos; Ensino Fundamental e currículo, entre inúmeros outros. Destes núcleos temáticos poderão fazer parte disciplinas de outros Institutos da UNICAMP. Espera-se que do trabalho articulado entre os docentes, os grupos de pesquisa e a Comissão de Pedagogia, possam surgir vários núcleos temáticos que coloquem amplas e criativas alternativas para a formação dos profissionais da Educação.”

Porém, apesar dessa proposta, parece que esta não é a realidade. Estive presente na última assembléia de avaliação de curso, realizada em outubro de 2006, onde estavam presentes coordenadoras de curso, alguns professores e alunos, e percebi que as disciplinas constantes nesse núcleo são de caráter eletivo e por isso os professores não são obrigados a oferecê-las, uma vez que elas não contam para o mínimo de disciplinas que eles precisam obrigatoriamente ministrar em um semestre. Assim, os professores que oferecem as disciplinas de núcleo temático são obrigados a assumirem outras disciplinas se faltarem professores para tais. Além disso não há integração entre os departamentos e os grupos de pesquisas; tomando como base este ano, foram oferecidos apenas dois núcleos temáticos, um para os alunos do curso vespertino, o qual eu pertencço e outro para os alunos do curso noturno. Ambos os núcleos são de apenas um departamento, abordando assim apenas uma temática: para o vespertino, a psicologia e para o noturno, o planejamento educacional.

“Ômega” também destaca esses, como principais problemas do curso:

“Ele (o curso) tem uma série de problemas que nós estamos vendo: estágio, os núcleos temáticos, as disciplinas de pesquisa, enfim, são questões que para nós estão claras no neste ponto de vista de currículo.”

Outro problema destacado por “Gama” é:

“Eu acho que o curso de pedagogia é um tanto endógeno, não é uma crítica que só eu tenho. Coloco isto porque ouço colegas falarem e assim acho que é isso mesmo. Acho que o estudante do curso de pedagogia é o estudante de uma universidade, então, o curso teria que ser revisto neste sentido.”

Ao encontro de “Gama”, destaco esse problema também. Pelo fato de estarmos em uma Universidade, com vários outros cursos, percebi nos anos em que estou aqui, que ficamos um tanto isolados do resto da Universidade. Mesmo tendo a possibilidade de cursarmos disciplinas em outros institutos isso raramente acontece, não há um incentivo para isso.

Porém, o curso não tem apenas limitantes, segundo “Ômega”:

“Apesar dos problemas que o curso tem, eu considero um dos melhores cursos que existe. Eu estou falando em comparação; temos muito que avançar, mas aqui na UNICAMP, como na USP tem algumas condições que nenhuma escola particular tem: que é a possibilidade de o aluno se envolver com pesquisa e aqui então é o fato de vocês terem professores que também dão aula na pós, estão envolvidos com grupos. O meu grupo de pesquisa que acabou de produzir esse livro em estudos sobre afetividade tem doutorandos, mestrados e alunos da graduação, onde que você acha isso? Nenhuma escola particular dá isso! Então para mim isso é um grande divisor de águas. A possibilidade de vocês alunos estarem se envolvendo com pesquisa é muito legal. Além disso o fato de vocês terem aqui um corpo docente em tempo integral, é uma coisa que as escolas particulares não têm, aumenta a probabilidade de vocês terem profissionais mais voltados para suas áreas, o que implica em cursos de melhor qualidade. Eu acho que isso nós temos que começar a resgatar, é um curso bom!”

“Gama” destaca que:

“O curso tem muitos aspectos positivos, vocês que estão cursando talvez não sintam tanto isso, mas por exemplo eu dou fundamentos no terceiro ano, estou lendo os portfólios, estou lendo os projetos a propriedade de leitura, a propriedade de escrita que vocês desenvolvem e que acho que é durante o curso é de muita qualidade, comparativamente, a egressos de outros cursos que a gente possa ter contato, realmente, é de muita qualidade. A possibilidade de análise teórica, o domínio de alguns referenciais teóricos, de alguns autores é realmente um privilégio do curso, uma sua dominante.”

Tanto “Gama” quanto “Ômega” destacaram pontos positivos no curso, que eu percebi durante a minha trajetória aqui na FE/UNICAMP. A minha qualidade de escrita melhorou muito durante o curso, a compreensão de teóricos também, percebi um grande crescimento intelectual. Isso ficou bastante claro quando entrei em contato com a pós-graduação, em virtude de estar cursando uma disciplina como aluna ouvinte. Como “Ômega” destaca, em comparação com outros cursos de Pedagogia estamos em uma situação bem melhor, nesta disciplina tem alunos oriundos das mais diversas instituições, isso me permite essa comparação.

Outro ponto positivo do curso é a possibilidade de diálogo e discussão acerca do próprio curso, do currículo, dos limites etc. Apesar da dificuldade em se conseguir isso, espaços nós temos. “Ômega” destaca:

“Acho fundamental que aqui a gente tenha uma estrutura que permita que esses assuntos sejam discutidos no coletivo. Então você tem uma coordenação, uma comissão de pedagogia que tem que assumir isso aí e, bem ou mal, a discussão está ocorrendo,

esta coisa do trabalho coletivo torna o processo mais lento mas... Agora, qual é o problema que eu vejo? O grande nó que eu vejo de uma escola como essa, onde todo mundo é doutor, todo mundo é estrela que parece um céu estrelado, é exatamente a dificuldade de você se envolver com o trabalho coletivo. A dificuldade que a coordenação tem de as pessoas sentarem e se ouvirem tem a ver também com o tipo de condição que se tem aqui. Todo mundo é expert no assunto. Quando tem muito PhD, muito doutor que conhece muito bem uma área, aumentam as dificuldades de você trabalhar nas intercessões, mas enfim isso é uma coisa que está se desenvolvendo.”

Além dessa dificuldade apontada pelos professores, por vezes percebo que nem sempre os próprios alunos não utilizam esse espaço. Como experiência disso tenho o tempo em que atuei no Centro Acadêmico de Pedagogia (CAP). Tínhamos enormes dificuldades em angariar representantes discentes para os departamentos da faculdade a ponto de que nós, enquanto representantes dos alunos na faculdade tínhamos que assumir também essa função. Assim, nós temos os espaços, mas não temos quem ocupe esses espaços.

Não há consciência plena nos alunos de que a Universidade é, além de um espaço de formação intelectual, acadêmica; um espaço de formação política, quando “Gama” destaca que o curso é endógeno e que o aluno não vive a Universidade, provavelmente ela pode estar se referindo a essa não participação dos alunos fora dos espaços de sala de aula.

É através do resgate de memórias dos professores “Gama” e “Ômega” que procuro compreender como eles foram se constituindo como os docentes que são, que tanto me impressionaram. LE GOFF (1990) afirma que a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de informações psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas.

Para DELGADO (2006) a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. Traz em si duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento – o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido – o tempo presente.

O fundamental aqui é ressaltar como se deu a formação intelectual e a formação política no decorrer de suas vidas e como isso influencia a atuação destes professores aqui no curso de Pedagogia da FE/UNICAMP.

Hoje, estes professores estão inseridos em um mesmo contexto (o curso de Pedagogia da FE/UNICAMP) porém, suas histórias de vida mostram que apesar de algumas semelhanças, a trajetória percorrida por cada um até este mesmo contexto, foi bastante diversa.

As diferenças começam pelas origens de cada um dos docentes: “Gama” nasceu no Sul do País, em uma família de imigrantes europeus enquanto “Ômega” nasceu no interior de São Paulo, em uma família paulista com origens nordestinas. Apesar de famílias tão diferentes, seus pais tinham a mesma ocupação, eram autônomos, tinham algum tipo de comércio.

Dentre as semelhanças, uma coisa muito marcante, é o fato de ambos começaram sua atuação política dentro de instituições católicas, mesmo com formas diferentes de atuação dentro desse espaço. “Gama” estudava para ser freira enquanto “Ômega” participava de grupos de jovens. E foi neste contexto de ambos que o Brasil passou por um de seus momentos mais marcantes: a instauração de uma Ditadura Militar.

“No Brasil, a partir de 1964, o Estado caracteriza-se pelo elevado grau de autoritarismo e violência. (...) o autoritarismo traduz-se, igualmente, pela tentativa de controlar e sufocar amplos setores da sociedade civil, intervindo em sindicatos, reprimindo e fechando instituições representativas de trabalhadores e estudantes, extinguindo partidos políticos, bem como pela exclusão do setor popular e dos seus aliados na arena política.” (GERMANO, 1993, p.55)

Este foi um momento em que não se permitia omissão, por este motivo, mesmo em locais totalmente diferentes (“Gama” estava na Itália e “Ômega” no interior de São Paulo) e mesmo com toda censura esses docentes, estudantes na época, tinham consciência da complicada situação pela qual o país começava a passar.

“Na Europa eu fiquei um período de quase 8 anos e, quando aconteceu o golpe militar aqui eu estava lá e as notícias que a gente tinha eram todas filtradas. Filtradas já pela própria mídia e filtradas para entrar dentro do colégio religioso onde eu estava. A gente percebia que era uma situação perigosa, eu recebia muito poucas cartas da minha família cujas notícias eram, também filtradas pelo meu pai que tinha uma visão direitista.”
(Trecho do depoimento de “Gama”)

Dentro disso, ambos tiveram uma forte atuação contra o Regime instaurado, principalmente após o Ato Institucional nº 5 (AI-5), mesmo sendo uma atuação na clandestinidade, até porque *não podia aparecer para não ser preso.* (Trecho do depoimento de “Ômega”)

“Ômega” atuou mais no movimento estudantil, segundo ele:

“Durante o Estado Militar participei do DCE, mas não como membro de diretoria, porque ninguém queria (rs). Nas passeatas havia todo um movimento que não aparecia e não podia aparecer, para não ser preso. (...) Toda a vivência na PUC foi significativa, na PUC a gente tinha uma vida política muito forte, foi muito difícil, a gente tinha que viver se camuflando. Legal foi a redemocratização quando o país voltou a novos ares. Aí foi legal”

Porém ele ressalta que a base de sua formação política se deu no chamado Ensino Secundário, nosso atual Ensino Médio. Ele destaca sua atuação no grêmio da escola em que estudava e o quanto era importante, além da participação política que tinha ali, o bom rendimento nos estudos, pois considera que o movimento liderado pelos chamados “bons alunos” era mais respeitado. Para este professor, o movimento estudantil secundarista na época era mais forte do que o movimento estudantil universitário.

De acordo com MARTINS FILHO, em seu livro *“A rebelião estudantil. 1968: México, França, Brasil”* escrito em 1996, nas manifestações ocorridas em São Paulo contra a repressão do governo militar a tarefa mais difícil era controlar os estudantes secundaristas (p. 91).

“Nas mobilizações de países tão diferentes entre si, um ponto de união salta aos olhos. Quer no Brasil ditatorial, no México autoritário ou na França democrática, os movimentos estudantis reivindicaram de seus regimes o alargamento do esquema vigente de participação política. Por outro lado, os estudantes de 1968 não se contentaram com mudanças na política, mas procuraram também ampliar o espaço de liberdade na família, na vida sexual, na escola e em esferas insuspeitas da vida social. Embora a rebelião contra os governos tenha assumido o primeiro plano, foi nesses outros terrenos que 1968 deixou sua herança mais visível.

No campo da política, tomada em seu sentido estrito, o movimento foi seguido por uma feroz ditadura, no Brasil, um aguçamento dos aspectos repressivos do regime, no México; e uma recuperação nos quadros da democracia, na França. Somente no final dos anos 70, as duas nações da América Latina veriam frutificar algumas sementes de 1968, nos movimentos sociais que colocaram temáticas alternativas e ergueram novas bandeiras. Apenas nos anos 80, uma candidatura de oposição desafiou, embora sem sucesso, o regime do PRI mexicano, enquanto a

campanha pelas eleições diretas no Brasil, também sem sucesso reivindicava a volta de um direito elementar – o de votar para presidente. Na França, por sua vez, a frustração que se seguiu ao Maio desembocou em anos de niilismo e negação do próprio movimento, como nas calmarias que se sucedem as tempestades de um modo ou de outro, no mundo ocidental, o pacifismo, a ecologia, o feminismo, o movimento gay, a anti-psiquiatria, a consciência negra e das minorias étnicas seriam impensáveis sem a irrupção de 1968. Para falar dos aspectos culturais, como pensar em filmes do tipo Johnny vai à Guerra, Thelma e Louise, Um Estranho no Ninho, o Beijo da Mulher Aranha, Pequeno Grande Homem antes de 1968?” (p. 101-102)

Neste mesmo período, as notícias que chegavam a “Gama”, na Itália eram de que:

“(...) os comunistas estavam tomando conta do país. E aquela visão de comunista que a direita tem e espalha, de que era uma baderna só, os estudantes que estavam badernando mais e que pelas notícias que a gente tinha a gente acabava dando razão às prisões que estavam sendo feitas. Eu sempre desconfiava de que alguma coisa não estava correta.”

De acordo com GERMANO (1993) “livre de qualquer controle social e político, o Estado atingiu, portanto, o mais elevado grau de autonomia (...) tornando evidente o sentido cesarista da intervenção militar. As forças repressivas passaram a atuar sem nenhum controle, abrindo o caminho para a instauração do terror do Estado: prisões arbitrárias, torturas e assassinatos de presos políticos faziam parte da cena brasileira da época. Ao lado disso, foi instituída a censura à imprensa, à educação e à cultura.” (p. 66)

Em 1969, “Gama” voltou para o Brasil, foi neste momento que começou sua militância política, mesmo dentro do convento.

“Quando voltei fui identificando as situações como é que estavam, fui me inteirando e entrei em um grupo que era considerado subversivo dentro do convento. Um grupo clandestino que quando foi descoberto nós fomos todas separados; (...) foi aí que começou; as superiores da ordem nos separaram, mandando uma para cada casa. Aí eu fui para o interior do RS (...).”

Porém, “Gama” considera que atuou mais diretamente na formação intelectual e política na sua militância dentro de espaços de formação de operários, atuando como professora. Sua trajetória, conforme relato:

“(...) em relação a formação política o meu marido fazia parte de um grupo de estudantes, em São Paulo. Eles passaram por todo processo de fechamento da ditadura. Quando ele era aluno da USP, fazia parte do Centro Acadêmico. Participou da ocupação do Crusp. A USP foi invadida pelos militares e, nessa época, foram presos alguns colegas, pegaram o pessoal que eles suspeitavam “os cabeças” do movimento estudantil. Meu marido não chegou q ser preso, mas vários colegas dele, na época, foram presos, torturados. Hoje a gente mantém essa amizade, que nasceu naquela época. Esse grupo, já na época do movimento estudantil, tinha um trabalho de alfabetização de operários dentro de sindicatos e meu marido participava, ele dava aula. (...) Então, quando eu me fixei em São Paulo (vinda do RS), assumi aula no estado e em escolas particulares. Comecei a fazer parte desse grupo que tinha uma escola operária na zona Leste, e que oficialmente era um curso supletivo, Madureza.”

Enquanto isso CUNHA (2001) afirma que “a identificação do professorado com o operariado é mais metafórica do que prática. Enquanto os operários perderam o controle sobre o processo de trabalho, pela própria divisão social e técnica do trabalho no capitalismo, o mesmo não se deu com os professores, apesar da tentativa de certos autores em demonstrar que o taylorismo chegou para ambos da mesma forma e na mesma intensidade. De fato, os professores continuam tendo (para o bem e para o mal) uma importante fatia de controle sobre seu trabalho, o que exigiria deles uma postura consciente e conseqüente a respeito dos efeitos nos alunos do ensino que ministram, coisa que o operário não pode fazer, ainda que o deseje.” (p. 88)

Foi neste contexto, que “Gama” construiu seus referenciais teóricos-metodológicos, apesar de que sempre foi adepta de todo tipo de leitura, pois enquanto esteve no convento, trabalhou na biblioteca e sempre teve acesso aos mais variados estilos de leitura. Enquanto que, “Ômega” construiu seus referenciais dentro da Universidade em que estudou e teve uma trajetória dentro das teorias da sua área de atuação. Ambos docentes ressaltaram nas entrevistas os autores que mais os influenciaram, “Gama” apesar de ser da área de exatas cita como autor influente Paulo Freire, na docência e “Ômega” cita os autores da psicologia, área de sua formação, porém destaca que também teve a influência de Paulo Freire.

Estes dois professores chegaram à docência ainda dentro da faculdade que cursavam.

“Ômega” ressalta que:

“Desde o começo eu fui professor, provavelmente porque foi o meu primeiro emprego. Eu aqui em Campinas, estava no primeiro ano de faculdade e fui convidado para dar um curso de análise sintática em um cursinho de madureza. Eu tinha tido um colegial muito bom e, modéstia à parte, eu era bom em análise sintática e deu certo. Eu fiquei 6 anos dando aula, começou com

madureza e depois em pré-vestibular, já com bom salário, fiquei expert nisso. Eu gostava.”

Enquanto “Gama” conta:

“Eu fiz então universidade particular e ao mesmo tempo dava aulas de matemática no próprio colégio religioso onde estava. Então já estava exercendo a profissão.”

Durante este período universitário, estes dois professores tiveram a influência da docência de professores deles. “Ômega” considera que todo o corpo docente de sua graduação era de excelente qualidade, sem destaque a nenhum professor, já “Gama” demonstra uma certa preferência por um professor, específico. Ela conta que:

“(…) eu afinava com o perfil dele, ele era um rebelde (rsrsrsrs) pois, incitava os alunos a deixarem de lado a visão rígida que tinham das ciências da física. Ele quebrava nossos mitos sobre a ciência, era um pesquisador da Universidade Federal, da UFRGS, e dava aula também na UNISINOS. Ele nos levava, quem tivesse interessado. (...) a assistir aulas na UFRGS, no laboratório da UFRGS porque na UNISINOS não tinha um laboratório tão bem equipado como tinha lá. Disponibilizava a sua biblioteca para nós. Era o único professor do curso que tinha esse perfil. Ao mesmo tempo, era muito rigoroso. Ainda por cima era um alemão. Era um apaixonado pela física. (...) Então, ele era assim, mexia com a as alunas, aquelas que se enfeitavam muito, não as da física, mas as da matemática (rsrsrsrsrs) são as rixas entre alunos de um curso e de outro. Para as alunas que se enfeitavam muito ele mandava tirar os penduricalhos: “ não é coisa de cientista, de quem está fazendo física” e para mim ele

mandava eu tirar os vestidos (o hábito religioso) (rsrsrsrs) muito interessante! Era uma pessoa muito humana.”

Porém, o momento pelo qual o Brasil estava passando não permitia a esse professor de “Gama” uma militância maior em sala de aula, ela conta que:

“(…) esse professor de física não trazia para a discussão as questões políticas, mas dava sempre seus pitacos a respeito, em sala de aula, enquanto nos ensinava física. Fiz algumas optativas e fiz uma de filosofia. Era assim, tinha o curso de história e quem quisesse fazer filosofia se matriculava no curso de história, freqüentava, eu acho que dois anos de história na expectativa de que fosse abrir o curso de filosofia no curso de história, alguns professores de filosofia. Fiz, então, uma disciplina de filosofia e nesta da disciplina, o que me chamou muito a atenção foi a leitura de Ortega y Garret. Permeando a leitura o professor discutia as questões políticas do momento, mas sempre se respaldando nos textos que a gente lia, não era um discurso de militância, e o resto era silêncio.(…) Eu estava fazendo física e foi muito importante essa leitura, abriu para mim, a possibilidade de entender sob o ponto de vista da filosofia a situação política pela qual estávamos passando. Minha intenção era fazer filosofia e depois eu fui me aprofundando no curso de física e eu fui gostando”

Ao mesmo tempo, aqui no interior de São Paulo, os professores de “Ômega” sofreram represálias, como conta:

“Na fase pós-revolução, imagina, coitado de quem fizesse isso. Te falei, por questões políticas nos anos 70 todo corpo

docente de Psicologia da PUC foi mandado embora; eu estava no fim do 4º ano, ficamos sem professores da noite para o dia. Foi uma crise violenta, todo corpo docente foi mandado embora, só para você ver como era barra pesada”

Mesmo para “Gama” e “Ômega”, as coisas não foram fáceis, no decorrer do Estado Militar a militância política destes meus professores tinha que ser mais contida, porém, durante o movimento de democratização eles puderam atuar mais ativamente. “Ômega” destaca sua atuação em movimento sindical:

“No final dos anos 70, 1979, eu já era professor e começou o movimento de redemocratização e na psicologia começou a se formar o grupo de oposição ao sindicato dos psicólogos estadual e desse grupo eu participei. Nós ganhamos o sindicato em 80, depois articulamos o grupo que tomou o Conselho Regional nas eleições. Nos anos 80 inteiro e nos anos 90 eu atuei no sindicato e no conselho regional e federal como conselheiro em São Paulo e em Brasília.”

De todo esse período “Gama” e “Ômega” tiraram algumas lições que lhes foram muito importantes. Para ambos uma das principais marcas que ficou de tudo o que viveram durante o Regime Militar foi a questão da vivência na coletividade. “Gama” destaca:

“Olha, o que foi mais significativo e o que hoje está se perdendo é a constituição de grupos que se organizem para tudo e produzam a vida junto, não que vivam junto, mas que discutam as questões da vida juntos, as questões políticas, as questões financeiras, as questões intelectuais, as questões profissionais. (...) Então o que mais me chama a atenção sobre aquele período é essa

vivência em conjunto que tivemos, essa ajuda, um apoio mútuo não é bem ajuda, a idéia não era suprir as limitações e as carências no grupo. Nunca foi parte da formação política. A idéia era estar junto nos momentos mais difíceis e também nas alegrias, conviver junto, produzir a vida e discutir as questões da vida. Isto foi muito importante, muito importante porque você responder sozinho a todas as questões que você, tem em todos os períodos da vida. Primeiro, você é estudante, depois você vai se tornando profissional, você é militante político, aí você constitui família, tem os filhos. Você vai sempre tendo novos impactos com a vida, novas questões que você sozinho ou você e seu marido, seu companheiro é um espaço muito limitado para respondê-las, para construir as forças de vida, construir o que eu chamo de humanidade. Mesmo porque na sociedade competitiva em que vivemos, na sociedade do consumo, na sociedade onde a prioridade é o status social, numa sociedade de diferenças de classes e que eu chamo de uma sociedade muito mais das forças da morte do que das forças da vida, você pensa e tenta atuar diferente e você leva tapas, de uma maneira figurada, você leva bordoadas pelas quais, você sofre e esse sofrimento é difícil levar sozinho em um grupo muito pequeno, como pode ser o de você e seu companheiro. Então, são essas discussões que precisa se ter em conjunto.”

Enquanto “Ômega” destaca que:

“A grande lição de vida que eu tirei dessa época foi decididamente a idéia de que é muito difícil você viver sozinho, a idéia do coletivo que eu brigo tanto hoje aqui na educação eu acho que vem daí. Se você se isolar, você se torna muito fraco e aí você pode ter a melhor das boas intenções, se você ficar sozinho, não vai conseguir, você tem que procurar parcerias.”

Outra marca muito grande que ficou para “Gama” foi a questão da clandestinidade durante os “anos de chumbo”, não só da clandestinidade civil, situação pela qual não passou, mas que viu colegas passarem, mas a clandestinidade na militância, ela conta:

“Eu acho que o fato mais marcante não é assim pontual, é a vivência prolongada, na clandestinidade isso é muito sufocante, só quem passou para saber o que é isso. Não clandestinidade assim, não como civil, porque teve gente que viveu como civil na clandestinidade, colegas meus do grupo, mas com o trabalho educacional que você faz, é o caso da escola que a gente tinha.”

Apesar de não serem pedagogos, “Gama” e “Ômega” construíram ao longo de sua trajetória concepções ou aspectos que julgaram importante durante o processo de formação do pedagogo. “Gama” destaca que: *“Uma boa formação política (rsrsrsrsrsrs) não político-partidária (...)”*. Ao mesmo tempo em que “Ômega”:

“Eu defendo a idéia que a base do trabalho do professor é de natureza ideológica, não adianta ele ler teorias, ele tem que ter uma visão de mundo, um tipo de compromisso. É a partir disso que ele vai estar se apropriando de conhecimento teórico específico para construir, por exemplo, práticas pedagógicas na sua escola, mas sem uma base político pedagógico, uma noção de mundo, noção de cidadania, concepção de cidadão, isso não é legal. Temo que esses assuntos não sejam tratados de uma forma mais organizada aqui no curso.”

Antes de chegarem ao contexto atual, o Curso de Pedagogia da FE/UNICAMP, estes professores tiveram outras experiências como docentes. “Gama” foi professora de escolas

públicas, tanto no Sul do País como aqui em São Paulo, além de ter trabalhado na Secretaria de Educação avaliando material didático nas áreas de ciências e matemática. “Ômega” deu aulas particulares de escrita e também trabalhou profissionalmente na área de artes, como músico.

Capítulo II

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO INTELECTUAL E POLÍTICA

Tomando por referência a riqueza dos depoimentos de “Gama” e “Ômega”, senti a necessidade de buscar algumas das referências teóricas acerca do tema da formação intelectual e da formação política.

GRAMSCI inicia o livro *"Os intelectuais e a organização da cultura"*, no início do século XX, com as seguintes questões: "como se dá a formação dos intelectuais em uma sociedade? Eles fazem parte de uma classe autônoma ou em cada classe social há um grupo de pessoas que detém esta função?" (p. 7).

Ao mesmo tempo ele expõe que, em nosso processo histórico, a formação de intelectuais se deu de várias formas, sendo duas as principais: os intelectuais formados dentro de uma classe social específica (intelectuais orgânicos/especialistas), como por exemplo os empresários; e os intelectuais formados por uma classe "essencial", originados em decorrência do processo histórico que originou a cultura ocidental (intelectuais tradicionais), como exemplo os eclesiásticos.

Diante disto, ele questiona: “Há características que delimitam um intelectual como tal? Qual é o critério de análise para determinar se alguém é ou não é intelectual?” Para GRAMSCI

(1989), a formação dos intelectuais em nossa cultura ocidental é compreendida de maneira incorreta, porque buscamos como critério de análise elementos que são intrínsecos a esta classe e não “no conjunto do sistema de relações” sociais. (id.ib.10).

Em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora onde todos os homens são intelectuais. Poder-se-ia dizer, então, que nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais. Não se pode separar o *Homo faber* do *Homo sapiens*, todo homem contribui para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. Sendo assim, a educação estreitamente ligada ao trabalho industrial, mesmo que este trabalho seja primitivo e desqualificado, é considerada uma educação intelectual.

Além disto, GRAMSCI (1989) considera que os intelectuais são formados em todas as classes sociais, mas, a maioria, por razões históricas, a formação intelectual como tal (através da escola), é formada junto às classes dominantes (id.ib.11). Porém, GRAMSCI (1989) deixa bem explícito que todo grupo social dominante ou que está no poder, busca conquistar por meio da assimilação, pela ideologia, os chamados intelectuais tradicionais porque este processo é mais rápido e eficiente do que a preparação dos intelectuais orgânicos (aqueles formados pelo próprio grupo), para formar e manter sua hegemonia. A partir disto, o autor considera que “a escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis”. Ou seja, com o intuito de manter, via ideologia, a hegemonia, a classe dominante utiliza a organização escolar para dividir o trabalho intelectual, tal como fez, com o trabalho manual. E é a complexidade da divisão do trabalho intelectual que define se o Estado formado é ou não mais civilizado (id.ib.12).

E como esta formação não se dá numa democracia irreal, mas na realidade social concreta. Se esta realidade é marcada por um processo histórico em que a democracia como tal, não ampla, isto gerará a formação de intelectuais apenas nas classes sociais envolvidas com o poder (pequena e

média burguesia fundiária e ou urbana) negando, excluindo as demais classes do processo de formação.

GRAMSCI (1989) ainda ressalta que “A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata (...) mas é ‘mediatizada’, em diversos graus, por todo o contexto social, pelo conjunto das superestruturas do quais os intelectuais são precisamente os ‘funcionários’” (id.ib 13). Ou seja, os intelectuais trabalham para o conjunto de superestruturas, sejam estas participantes do plano da sociedade civil ou do Estado. Dessa forma, entende-se porque é tão importante a classe dominante dominar pela ideologia a formação dos intelectuais. A função destes não seria nada mais do que manter um *status quo* já estabelecido (id.ib.13). E como forma de controle destes intelectuais, na nossa sociedade moderna, eles passam a ser alvo dos mesmos problemas que o *Homo faber* (competição, desemprego, superprodução, emigração, etc.).

Inspirado em GRAMSCI, GIROUX (1997) também tratou da questão dos intelectuais na sociedade, este ressaltando também a questão dos professores como intelectuais. Em seu livro “Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem” ele aborda, inicialmente as diferenças entre os educadores tradicionais - que acreditam na escola apolítica - e os educadores radicais - que vêem na escola um local onde se reproduz a ideologia dominante, mas que a idealiza como um local onde se formam indivíduos que contestem essa ideologia. Ele define o professor como o intelectual transformador.

Posto isso, o fato de estarmos falando no contexto de um curso de formação docente nos remete à importância desse tipo de intelectual, enquanto intelectual político. Quando questionada sobre se considera importante (ou não) associar a formação intelectual (acadêmica) à formação política, “Gama” coloca que:

“A formação política não está desvinculada da formação da consciência, em todas as instâncias da vida, não está desvinculada da formação cultural, da formação científica. Para mim, faz parte da formação política, a formação científica, não deveria haver essa dissociação.”

GIROUX (1997) considera que a escola “examina as maneiras pelas quais o discurso da dominação se manifesta nas formas de conhecimento, organização escolar, ideologias dos professores e relações professor-aluno. Além disso, inerente ao discurso da democracia está a compreensão de que as escolas são locais contraditórios; elas reproduzem a sociedade mais ampla enquanto ao mesmo tempo contêm espaço para resistir à sua lógica de dominação”. (id.ib. 28)

Da atuação dos professores, GIROUX (1997) coloca que “a fim de atuarem como intelectuais, os professores devem criar a ideologia e condições estruturais necessárias para escreverem, pesquisarem e trabalharem uns com os outros na produção de currículos e repartição do poder. Atuantes críticos, comprometidos com o desenvolvimento de um mundo livre da opressão e exploração. Intelectuais deste tipo não estão meramente preocupados com a promoção de realizações individuais ou progresso dos alunos nas carreiras, e sim com a autorização dos alunos para que possam interpretar o mundo criticamente e mudá-lo quando necessário”. (id.ib.29)

“Gama” destaca ainda que no curso de Pedagogia da FE/UNICAMP:

“A formação política teria que fazer parte da formação do currículo. Os alunos deveriam ter a possibilidade de participarem da constituição do currículo, isso é formação política. O nosso currículo não deveria ser estanque, adeterno ou por um período longo de tempo, por dez anos o mesmo currículo. Ele tem que ser flexível, tem que estar em mudança contínua. Todo o aparato burocrático pelo qual está engessado também engessa a

flexibilidade para uma formação política da própria instituição, neste sentido teria que se pensar em mudá-lo.”

GIROUX (1997) também discorre acerca da desvalorização do trabalho docente, que muitas vezes é considerado meramente tecnicista. Segundo ele, “a tendência de reduzir os professores ao status de técnicos especializados dentro da burocracia escolar, cuja função, então, torna-se administrar e implementar programas curriculares, mais do que desenvolver ou apropriar-se criticamente de currículos que satisfaçam objetivos pedagógicos específicos.” (id.ib.158)

Ao considerar o trabalho docente meramente tecnicista, a formação docente deixa de ter um caráter político, o que GIROUX (1997) critica. “Em vez de aprenderem a levantar questões acerca dos princípios que subjazem os diferentes métodos didáticos, técnicas de pesquisa e teorias da educação, os estudantes com freqüência preocupam-se em aprender o ‘como fazer’, ‘o que funciona’ ou o domínio da melhor maneira de ensinar um ‘dado’ corpo de conhecimento.” (p.159)

De encontro ao trabalho docente meramente tecnicista, “Ômega” destaca que:

“A maneira como eu levo os meu curso, a maneira como eu oriento os meus alunos, isso também é um exercício político. A maneira como eu oriento os meus alunos a olharem um dado, a estabelecerem relações; os conteúdos que eu seleciono para dar um curso, não são neutros; isso precisa estar claro.”

GIROUX (1997) novamente se aproxima de GRAMSCI (1989) quando diz que “ao encarar os professores como intelectuais, podemos elucidar a importante idéia de que toda atividade humana envolve alguma forma de pensamento. Nenhuma atividade, independente do quão rotinizada possa se tomar, pode ser abstraída do funcionamento da mente em algum nível.”

(id.ib.161) Sobre as escolas, o autor as considera um local não neutro, sendo assim, o professor também não pode ter uma postura neutra.

Neste sentido, “Ômega” coloca que:

“Eu defendo a idéia que a base do trabalho do professor é de natureza ideológica, não adianta ele ler teorias, ele tem que ter uma visão de mundo, um tipo de compromisso. É a partir disso que ele vai estar se apropriando de conhecimento teórico específico para construir, por exemplo, práticas pedagógicas na sua escola; mas sem uma base político pedagógica, uma noção de mundo, noção de cidadania, concepção de cidadão, isto não funciona.”

Dai, percebe-se a importância da formação política dos professores. Sendo assim, GIROUX alerta que, “os professores como intelectuais devem ser vistos em termos dos interesses políticos e ideológicos que estruturam a natureza do discurso, relações sociais em sala de aula e valores que eles legitimam em sua atividade de ensino. Os professores deveriam se tornar intelectuais transformadores se quiserem educar os estudantes para serem cidadãos ativos e críticos.” (id.ib.162)

A questão dos intelectuais abordada também por BOBBIO (1997) no livro de “Os Intelectuais e o Poder”:

“Embora com nomes diversos, os intelectuais sempre existiram, pois sempre existiu em todas as sociedades, ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do poder militar, não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder

econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de idéias, de símbolos, de divisões do mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra (o poder ideológico é extremamente dependente da natureza do homem como animal falante). Toda sociedade tem os seus detentores do poder ideológico, cuja função muda de sociedade para sociedades, de época para época, cambiantes sendo também as relações, ora de contraposição, ora de aliança, que eles mantêm com os demais poderes.”

BOBBIO (1997) destaca também que para que o problema da relação entre intelectuais e a classe política faça sentido são necessárias duas condições preliminares: a) que os intelectuais constituam ou criem constituir, em um determinado país, uma categoria à parte; b) que essa categoria de pessoas tenha ou creia ter uma função política própria, que se distinga da função de todas as outras categorias ou classes componentes daquela determinada sociedade. Para ele, os intelectuais têm a missão de defender e promover os valores supremos da civilização, que são desinteressados e racionais; na medida em que subordinam sua atividade aos interesses contingentes, às paixões irracionais da política, traem sua missão. (ib.id. 31-32). Ele ainda destaca que a tarefa dos intelectuais também é a política, porém, não a política ordinária dos governantes mas sim a da cultura.

Neste sentido, quando questionado sobre a participação política ativa dos intelectuais, “Ômega” destaca que:

“Geralmente quando o cara sai da universidade com uma visão romântica, a tendência é quebrar a cara quando pega um posto chave. Dá para entender, porque a universidade nos permite uma visão mais clara, não é ingênua, mais autêntica. As pessoas se respeitam, a diversidade é mais respeitada, coisa que é

difícil se você pega um cargo de secretaria de educação, com muitos interesses em jogo. Geralmente uma pessoa que não está acostumada a lidar com isso, ela acaba quebrando a cara e o pior é quando ela entra no jogo do poder; aí é complicado. Acho que a pessoa que sai da universidade e que tem esse compromisso, geralmente quando ela vai para a função pública, ela não tem fôlego para ficar muito tempo lá e nem deve, porque ou ela é engolida pela máquina (rsrsrs) ou ela consegue fazer alguma coisa e tem que sair porque acaba se complicando (rsrsrs)... Eu acho que não existe pró nem contra, eu nunca assumi função pública como ser secretário, mas colegas assumiram e a maioria deles se deu mal; eu entendo, não é incompetência, é que na verdade esses espaços são espaços que exigem um tipo de traquejo que nós aqui não estamos acostumados. É claro que há conflitos aqui, mas não esses conflitos de baixo nível, interesses como os que ocorrem por aí. (rsrsrs)”

Ao mesmo tempo em que “Gama” coloca que:

“Eu acho que não tem uma norma para isso, esse papel para mim, mudou muito e está sendo reconstruído pelos que são hoje pedagogos e educadores na vida pública. O que eu entendo é que quem seriam esses na vida pública? São os professores, esses educadores, nós aqui, os docentes, os políticos. Eu acho que não tem papel pré-determinado, talvez isso é que tenha se perdido. Na época da ditadura, na época do fechamento a gente tinha um elemento de luta comum um elemento de batalha, inclusive para se educar, que era o das liberdades: a liberdade da palavra, a liberdade de idéia, a liberdade de ação que não tinha. Hoje supostamente estas liberdades estão postas então eu acho que as forças de luta se desaglutinaram por não terem mais um elemento de coalizão e, ainda, não se encontrou outro. Para mim, já existem as condições para unirmos forças para lutarmos por uma

sociedade justa, pela não sociedade de classes. A atuação recente do PCC é um sintoma forte de um tipo de sociedade que está falida. Deveríamos estar estudando em termos de formação, de formação da criança, do jovem, de formação na sociedade. A população precisa compreender, pela educação, quem são seus verdadeiros inimigos, para não acontecer, como está acontecendo, que suas forças de luta se voltem contra ela própria. São os nossos alunos que estão nas escolas públicas, os pais deles, que estão sendo coagidos a darem respaldo às facções do crime, tipo a do PCC. E isso não está sendo assumido pelo menos pela grande maioria dos educadores, de estar pensando sobre o rumo que está tomando a nossa sociedade. Para onde vai isso, a que ponto nós vamos chegar? Como criar elementos educacionais que coloquem as bases para a construção de soluções para transformações profundas da sociedade em que vivemos de forma a não sucumbirmos em ataques contra nós mesmos."

O professor Ômega, em seu depoimento, chama atenção para vários aspectos interessantes, dentre eles: a visão romântica do egresso da Universidade na participação em cargos públicos que *"exigem um tipo de traquejo que não estamos acostumados. É claro que há conflitos aqui, mas não esses conflitos de baixo nível"*. Ao encontro de "Ômega", "Gama" ressalta ainda que *"hoje as forças se desaglutinaram, pois não se tem mais o mesmo elemento em comum que se tinha em outros tempos"*, "Gama" ressalta também a preocupação com *"o rumo que está tomando a nossa sociedade."*

Ainda sobre a participação política ativa do intelectual, quando questionados se o empenho político do professor/pedagogo deve distinguir-se da participação política "ativa", "Gama" colocou que:

Você diz ativa no sentido de militância? Ou seja, para você ser um pedagogo, um educador você deve estar militando em algum partido? Eu acho que tem que ter uma participação ativa no sentido de mudar, de ter ações de mudança das situações instituídas, do status quo, daquilo que está aí, em todos os sentidos também, da instituição universitária como está instituída.

E Ômega:

Eu acho que não. O que você chama de ativa? Estar participando de entidades? Eu acho que é necessário, mas hoje é o momento em que isso está quase em extinção. Não vá longe, a participação ativa se dá em órgãos de representação; pega a ADUNICAMP que é o nosso órgão, veja a quantidade de pessoas da última assembléia para discutir salário, tinham 20 pessoas. Então você percebe hoje na universidade que essa é uma situação que nós estamos vivendo. Tudo indica que a política liberal está ganhando. Essa coisa do neoliberal está ganhando aqui, ou seja, o trabalho sindical que também nos afeta está em franca decadência... então, eu acho hoje que a gente está passando por uma época muito pessimista, é um período politicamente muito ruim e eu vejo se na universidade esta assim, os movimentos sociais de reivindicação também estão em baixa. Você vê ONGS, você vê nesse país quem está se apresentando. Mas isso não significa que vai ser sempre assim, eu acho que esse quadro exige uma tomada de posição, eu acho que os educadores como a gente têm um papel crucial aí.

Além disso, quando questionados sobre o fato de que hoje, parecem não assumir importância, as relações entre política e o empenho político de quem faz os diferentes cursos (Psicologia, Filosofia, História, Matemática...) e em especial o de Pedagogia, os professores “Gama” e “Ômega” deram as seguintes respostas:

Para “Gama”:

“Eu tenho discutido essa questão, mais com colegas, justamente em épocas de greve. Eu acho que há um menor empenho na formação política, pelo menos pelo discurso, pois este está quase ausente na academia, agora, como é por exemplo a minha postura? Eu também não uso o discurso, é mais pela postura, é um entendimento diferente daquele de captar pessoas para a sua militância, para seu partido, é o de se produzir humano aproximando pessoas que constroem afinidades neste sentido. Isso acho que existe mais do que o próprio discurso político, já conversei com várias pessoas que pensam assim, também, essas pessoas, algumas delas tiveram a mesma trajetória que eu, passaram pela ditadura, foram militantes em alguma instituição política, entraram antes de mim na universidade. Aqui, na universidade, tinham uma militância mais forte na época de greve e, agora o que a gente discute é que até estes momentos de greve estão esvaziados. As pessoas não lutam mais com as armas de quando eram militantes políticos. Não sei dizer qual é a causa, eu não sei, a gente fica discutindo, fica colocando vários fatores intervenientes e, ao mesmo tempo não temos controle, não conseguimos ter controle desses fatores, não conseguimos mudar a situação. Então isso que você coloca aqui é verdadeiro, existe e está acontecendo, mas não consigo saber se realmente está acontecendo com todos os professores, da academia.”

Para “Ômega”:

“Na minha visão, principalmente em educação é uma área que não dá pra você separar, absolutamente. A questão ideológica, a questão política está presente sempre em qualquer área, quer dizer, essa neutralidade eu acho que não dá e eu acho que mais ainda a questão política ideológica está presente em

todas as decisões que a gente toma. Quando você vai dar curso, quando você vai definir que tipo de curso, desde quando você vai tomar as decisões pedagógicas até os encaminhamentos internos tudo isso é marcado. O que não quer dizer que as pessoas tenham compromisso com a maioria da população, quer dizer, você pode ter um compromisso com as elites. Eu acho que esse conflito tem em todo lugar, por exemplo, a briga pela construção de uma escola democrática, que é a grande questão hoje que se coloca, não é? Isso aí não é uma questão simples. Como é que você faz isso? E não é qualquer um, falar é fácil mas transformar isso em ações... Por exemplo, um pesquisador, o tipo de objeto que ele vai pesquisar pra mim já é uma escolha ideológica: para que ele vai fazer? Um dos problemas que eu vejo aqui na faculdade é como que de fato aqui os profissionais valorizam ou não o ensino público; e não é consenso aqui o ensino público ser prioridade, você sabe disso! Tem uma parcela de colegas aqui que não estão preocupados com isso. Eu acho complicado isso em uma faculdade de educação. Já foi pior, agora está melhor, agora a gente está se envolvendo com projetos, a extensão, o Proesf⁵, eu acho que é uma marca disso, os Gestores⁶. Eu acho que nós já passamos essa fase mas teve uma época que um Proesf aqui era uma aberração ”

Da participação política ativa do intelectual, VECA, no artigo “*Mensagens na Garrafa: da Lealdade Política à Lealdade Civil*”⁷ destaca que as questões que se põem hoje são diferentes das que eram colocadas antigamente, no caso deste trabalho, das questões que eram colocadas no chamados “anos de chumbo”, como podemos perceber nas falas citadas de “Gama” e “Ômega”. Ainda sobre essas questões, o autor coloca que as mudanças dizem respeito, de um lado, aos sujeitos da política e, de outro, à arena do discurso público em sociedades democráticas. Em geral,

⁵ Programa Especial de Formação de Professores da Região Metropolitana de Campinas

⁶ Programa de formação continuada oferecida aos diretores e coordenadores de escolas públicas do Estado de São Paulo

são as transformações do sistema pluralista de representação política que incidem na mudança de natureza familiar na qual encontramos quem faz política e quem faz filosofia, pedagogia etc, ao passo que as transformações da arena do discurso público são responsáveis pela variação dos ouvintes ou do “público” ao qual se dirige quem faz política ou quem faz pedagogia. O autor, que tem posições diferentes de GRAMSCI e GIROUX, considera ainda que não tem propriamente sentido falar de empenho político do pedagogo, na acepção que pressupõe as circunstâncias alteradas. Quem faz pedagogia não pode e não deve participar da política ativa se visa participar dela enquanto pedagogo ou alguém que faz teoria; aquele que quer que a luta continue, quer que a teoria se detenha. (p. 199) Esta posição não dá fechamento a esta questão, mas provoca uma reflexão mais profunda.

Em relação à questão sobre as diferenças entre as discussões que se põem hoje serem diferentes daquelas dos anos de chumbo, em relação ao papel que os educadores (em especial os pedagogos) devem assumir no interior da vida pública, os professores “Gama” e “Ômega” concordam entre si ao afirmarem que isso realmente está acontecendo porém, destacam as diferenças entre a militância durante o governo militar e a militância que se tem hoje.

Esta questão do atrelamento entre cultura e política é extremamente nova e complexa para mim, ela compôs o título (e a dúvida) deste trabalho. Dúvida esta que hoje não tenho condições de responder. Além dos autores citados, vou tomar também por referência BOBBIO que no artigo *“Intelectuais e vida política na Itália”*, escrito em 1999, discorre que entre cultura e política não existe nem separação nítida de tarefas nem correspondência recíproca, mas um estado contínuo de atração e repulsão.

⁷ Salvatore Veca, Itália/1997. O autor refere-se a relação entre filósofos e política, relação esta que aproximarei com pedagogos e política.

Quanto mais se delinea a situação de isolamento dos intelectuais com relação às massas e é reconhecida como uma situação típica, tanto mais se forma a convicção de que aos intelectuais cabe, na sociedade, uma tarefa extraordinária, inconfundível com as dos outros grupos constituídos.

É tendência geral considerar essa tarefa nitidamente distinta das tarefas que a política ordinária se propõe, como é desenvolvida pelos grupos de interesses que agem através dos partidos tradicionais e de massa. Há vários modos, de fato, pelos quais o intelectual costuma tomar posição diante da política ordinária. Dentro disto, BOBBIO (1999) exemplifica:

a. A política está enraizada no solo fechado das fronteiras geográficas, é nacional e nacionalista; a cultura é cosmopolita.

b. A política transcrita por coisas contingentes e particulares; a cultura maneja apenas valores absolutos e universais. O homem político conhece somente as ocasiões e as oportunidades; o homem de cultura afirma contra as mutáveis ocasiões os sólidos ideais, contra a mutável oportunidade a eterna justiça.

c. A política não se sustenta sobre uma certa dose de conformismo; a cultura não respira senão em uma atmosfera de livre pesquisa. Na vida política, o dogma é tão necessário quanto a dúvida crítica na vida do pensamento.

d. Na política há a necessidade de espírito gregário, ao passo que a cultura é, por excelência, a mais alta expressão da individualidade. O homem de cultura que cede à política acaba por renunciar a uma parte de si mesmo, àquilo que o caracteriza como homem de cultura.

e. A política é parcial, ao passo que a ciência é imparcial. Quem exerce a atividade política não pode ser ao mesmo tempo homem de cultura, porque as paixões, se são próprias do primeiro, perturbam e desviam o segundo.

f. A política pertence à esfera do econômico, da vitalidade, representa o momento da força. A cultura tem a tarefa de fazer valer diante da força as exigências da vida moral. Contra o político que obedece à razão de Estado, o homem de cultura é o devoto intérprete da consciência moral.(p. 158)

Para o autor, essas antíteses florescem continuamente, ora uma, ora outra, no conflito entre os direitos da cultura e os da política e avivam em várias medidas a divergência entre intelectuais e políticos. Se fizermos um exame de consciência, encontraremos tais antíteses no fundo de nossas indignações e impaciências, de nossos próprios erros, do desgosto pela política que, também quando é superado, não cessa de tempos em tempos de nos acometer e de aplacar a nossa preguiça. (ib.id 158)

Quando tais antíteses são levadas às extremas conseqüências, dão lugar a posturas degeneradas que traem algo mais que não a diferenciação, vale dizer, a apoliticidade, o espírito de evasão. O antinacionalismo degenera-se em cosmopolitismo abstrato; a defesa dos valores supremos em inerte contemplação; a exaltação da dúvida metódica, para usar uma palavra significativa da linguagem filosófica italiana, em problematicismo; o espírito individualista em anarquismo; a imparcialidade em diferentismo; o antipoliticismo em pregação moralista.

Mas, no momento em que o homem de cultura pretende ser o único intérprete do curso histórico e dirigi-lo rumo à meta que apenas ele está em condições de ver, coloca-se fora de história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como explicitado anteriormente neste trabalho de pesquisa, que tem como objetivo investigar a importância da formação política e acadêmica de dois dos meus professores do Curso de Pedagogia da FE/UNICAMP, que influenciaram profundamente na minha formação enquanto futura pedagoga, a questão da formação intelectual e da formação política não é uma discussão recente e muito menos resolvida. Desde GRAMSCI no início do século XX – inspirado em MARX – passando por tantos outros estudiosos que trataram a questão da relação entre intelectuais e política, dos quais busquei algumas referências em GIROUX, VECA e BOBBIO, para encontrar uma resposta concreta sobre a real importância do atrelamento (ou não atrelamento) da formação intelectual com a formação política.

Ao levantar a questão da importância que estes professores dão à formação intelectual/acadêmica em conjunto com a formação política no curso de pedagogia, que é a principal pergunta que permeia este trabalho, o professor “Ômega” explicita que essa questão é tendenciosa aqui dentro da academia, pois ninguém neste espaço vai responder que este atrelamento não é importante.

“Gama” questiona a todo momento o que seria a formação política hoje, que é muito diferente da formação política do momento em que tanto ela, quanto “Ômega” a tiveram, inclusive estudar a formação política destes professores era um dos objetivos deste trabalho.

É lógico que, pelos depoimentos, enxergamos a grande importância de tal atrelamento em ambos os entrevistados, porém essa é uma questão que este trabalho não tem a pretensão de responder. Creio que, para se ter uma resposta mais consistente sobre esta questão, é necessário um aprofundamento maior dos autores que já abordaram essa temática anteriormente; fica aí um desafio a ser estudado em um futuro trabalho.

REFERÊNCIAS

ARNS, P .E., Brasil: Nunca Mais. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003

BOBBIO, N. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 1997.

BOBBIO, N. Intelectuais e vida política na Itália. In BASTOS, E. R., RÊGO, W. D. L. Intelectuais e política: a moralidade do compromisso. São Paulo: Olho D'água, 1999.

BLOCH, M. Introdução à história. Lisboa: Europa-América, s/d (4ª ed.)

CUNHA, L. A. Educação, estado e democracia no Brasil. São Paulo: Cortez, 2001 (4ª ed.)

DELGADO, L. A. N. História Oral - memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006 (págs. 15-31)

GERMANO, J. W. Estado militar e educação no Brasil (1964-1985). São Paulo: Cortez, 1992

GIROUX, H. A. (1997) Os Professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas. (págs. 25-32 e 157-164)

GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989 (págs.7-24)

LE GOFF, J. História e Memória. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

MARTINS FILHO, J. R. A rebelião estudantil. 1968: México, França, Brasil. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

VECA, S. Mensagens na Garrafa: da lealdade política à lealdade civil. In BASTOS, E. R., RÊGO, W. D. L. Intelectuais e política: a moralidade do compromisso. São Paulo: Olho D'água, 1999.

BIBLIOGRAFIA

BLOCH, M. Apologia da história ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (págs 15-35)

GANDINI, R. P. C. Intelectuais, estado e educação: Revista brasileira de estudos pedagógicos, 1944 – 1952. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995 (págs 77-92)

JACOBY, R. Os últimos intelectuais: a cultura americana na era da academia. São Paulo: Trajetória Cultural: Editora da USP, 1990.

MARTINS FILHO, J. R. 1968 faz 30 anos. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP; São Carlos, SP: Editora da UFSCAR, 1998.

VENTURA, Z. 1968: o ano que não terminou. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1988

ANEXOS

1. Roteiro de Entrevistas:

I - Relações pessoais, familiares e sociais

1. Onde e quando você nasceu?
2. E seus pais?
3. Seus avós?
4. Em que seu pai trabalhava? E sua mãe?
5. Qual a sua idade quando foi decretado o AI-5? O que você se lembra? Onde você morava nesta época?
6. Quem eram os seus amigos neste período? Quais eram as suas características?
7. Você trabalhava antes de chegar às FE? Onde? Quando? Seu salário cobria suas necessidades?
8. O que você deseja destacar de importante na sua vida pessoal e profissional?

II - Formação Intelectual

1. Sobre sua formação profissional:
2. Quais cursos você fez? Quando? Onde?
3. Quais foram os professores mais marcantes na sua graduação? Por que? Quais as críticas e os limites de sua formação?

Quais outras atividades culturais, o motivaram na sua graduação? Sua vida? Sua profissão?

a) Docência

1. Como foram construídas as teorias e as metodologias de seu trabalho pedagógico? Que me impressionaram muito.
2. Quais os autores mais influentes?
3. Por que você escolheu a docência como profissão?

III- Formação Política

1. Você participou ativamente de movimentos sociais? Sindicais? Partidários? Outros?
2. Quais os limites e possibilidades desta sua participação?
3. Em especial, como foi a sua participação política nos movimentos, no decorrer do Estado Militar? O que foi mais significativo para você? Quais as suas atividades principais neste período? Suas opções ideológicas?
4. No decorrer dos seus cursos, seus professores discutiam em aula o movimento político que viviam? Isto era importante pra você?
5. O que você lia? Livros? Revistas? Literatura? Ficção? Etc. Dê alguns exemplos dos mais marcantes.
6. E hoje? O que você lê? Citar alguns.
7. Em relação aos seus amigos do período: como era a sua relação com eles? As características (perfil) dos amigos? Seus sentimentos em relação a eles? Quais os fatos mais marcantes que você vivenciou no período? E quais as "lições de vida" que daí podem ser extraídas?

IV - Relação entre formação política e intelectual/acadêmica

1. Hoje, parecem não assumir importância, as relações entre política e o empenho político de quem faz os diferentes cursos (Psicologia, Filosofia, História, Matemática...) e em especial o de Pedagogia. Qual a sua opinião a cerca disto?
2. As questões que se põe hoje são diferentes daquelas dos anos de chumbo, em relação ao papel que os educadores (em especial os pedagogos) devem assumir no interior da vida pública?
3. O empenho político do professor /pedagogo deve distinguir-se da participação política "ativa"?
4. O que você considera importante para a formação do pedagogo?
5. Quais alguns dos limites e possibilidades da formação do professor do Curso de Pedagogia da FE/UNICAMP do qual você participa? (Currículo, Projeto Pedagógico do Curso e outras...)
6. Você considera importante (ou não) associar a formação intelectual (acadêmica) à formação política? (Tal como eu havia pensado)

V - Dicas para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

1. Quais os livros que você leu e que considera importantes para a sua formação? Quais os que você gostaria de ler e não dá tempo?
2. Recentemente eu tenho lido, que me foi importante: idéias de formação continuada que me envolvi muito com isso, sem contar de alfabetização que é um tema eu lido há 30 anos com isso.
3. O que você achou desta nossa conversa?
4. Quais sugestões teria para que eu possa aprofundar meus estudos sobre o tema?
5. Indicar alguns textos produzidos por você que são mais significativos. Para eu me aproximar mais de seus valores e interesses.
6. Indicar alguns outros textos de outros autores, que possam contribuir .
7. Caso eu precise, podemos conversar novamente pessoalmente ou por e-mail?

2. Grade Curricular do Curso de Pedagogia (vigente entre os anos de 2003 – 2006):

| GRADE CURRICULAR CURSO DE PEDAGOGIA | | | | | | | |
|-------------------------------------|--|--|---|--|--|--|--|
| | DE SEGUNDA À SEXTA-FEIRA | | | | | SÁBADOS | FORA DA GRADE HORÁRIA |
| 1º S | EP107 Introdução à Pedagogia - Org.Trab.Ped | EP108 Pesquisa Pedagógica I (04 horas) | EP140 Sociologia Geral | EP122 Introdução à Psicologia | EP130 Filosofia da Educação I | EP109 Seminários de Pesq. Pedagógica I (02 horas-sáb.)Obs: Agendado aos sábados para estudos | |
| 2º S | EP110 História da Educação I | EP208 Pesquisa Pedagógica II (04 horas) | EP340 Sociologia da Educação I | EP123 Psicologia Educacional | EP230 Filosofia da Educação II | EP209 Seminários de Pesq. Pedagógica II (02 horas-sáb.)Obs: Agendado aos sábados para estudos | |
| 3º S | EP210 História da Educação II | EP152 Didática - Teoria Pedagógica | EP445 Sociologia da Educação II | EP126 Psicologia, Educação e Pesquisa | EP141 Comunicação, Educação e Tecnologias | | |
| 4º S | EP412 História da Educação III | EP153 Metodologia do Ensino Fundamental | EP127 Pensamento, Ling. e Desenv. Humano | EP162 Escola e Currículo | EP163 Polít. Educ.: Estr. e Func. da Ed. Básica | | |
| 5º S | EP154 Fundamentos da Alfabetização | EP159 Prát. Ensino nas Séries Inic. do Ensino Fundamental | EP155 Fundamentos do Ensino de Matemática | EP156 Fundam. do Ensino de História e Geografia | EP157 Fundamentos do Ensino de Ciências | Eletiva(04 cr.) | |
| 6º S | EP111 Fundamentos da Educação Especial | EP200 Estágio Superv. I | EP144 Metodol. da Pesquisa em Ciências da Educação I | EP151 Leitura e Produção de Textos | EP765 Fundamentos da Educação Infantil | Eletiva(04 cr.) | |
| 7º S | EP142 Educação e Antropologia Cultural | EP145 Metodol. da Pesquisa em Ciências da Educação II | EP158 Educação, Corpo e Arte | EP164 Organização Trab. Ped. e Gestão Escolar | EP463 Planejamento Educacional | Eletiva(02 cr.) | EP808Trabalho de Conclusão de Curso I |
| 8º S | EP143 Educação Não Escolar (02 cr.) -----EP887 Educação Não Formal (02 cr.) | EP206 Estágio Superv. II | EletivaNúcleos Tem. (04 cr.) | EletivaNúcleos Tem. (04 cr.) | EletivaNúcleos Tem. (04 cr.) | | EP809Trabalho de Conclusão de Curso II |

